

A NATUREZA E A FREQUÊNCIA DE CONFLITOS: UM ESTUDO DE CASO NA ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL*

THE NATURE AND FREQUENCY OF CONFLICTS: A CASE STUDY AT FULL-TIME SCHOOL

Antonia Feitosa de Araújo Lacerda ¹
Mariany Almeida Montino ²

Aluna do Curso de Serviço Social da Universidade Estadual do ¹
Tocantins –Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7009693280667867>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3034-9508>.
E-mail: santoferujo@gmail.com

Doutora e Mestre em Educação (UNICAMP). Professora Pesquisadora ²
na Universidade Estadual do Tocantins.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3117524559575296>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8277-0644>
E-mail: mariany.am@unitins.br

Resumo: A escola se apresenta como importante espaço de relações para o sujeito, uma vez que nela ele ingressa ainda bem pequeno e passa boa parte de sua vida estando, necessariamente, exposto à incidência de conflitos de toda sorte, seja em nível de pequenos desentendimentos até diferentes manifestações de violências que, por vezes, desequilibram o ambiente escolar e interferem, de forma negativa, no processo ensino e aprendizagem. Os objetivos dessa pesquisa foram, portanto, descobrir se há diferenças substanciais na incidência de conflitos entre meninos e meninas, reconhecer quais espaços da escola são mais suscetíveis à ocorrência de conflitos, e verificar a frequência do envolvimento dos mesmos alunos/as em conflitos no espaço escolar. Trata-se de uma pesquisa básica qualitativa, tendo seus dados coletados por análise documental de registros ocorridos entre os alunos/as e entre alunos/as e professores/as, em uma das escolas de tempo integral do município de Palmas, TO. Observa-se que os conflitos que envolvem alunos estão mais relacionados ao descumprimento de regras da escola e à perturbação do ambiente da classe, do que agressões desferidas entre os alunos; e ainda, as questões de conflitos na escola não envolvem, no geral, a maioria dos alunos e sim, uma pequena minoria, aparentemente excluída do processo educativo.

Palavras-chave: Incidência de conflitos. Mediação de conflitos. Indisciplina na escola.

Abstract: The school presents itself as an important space of relationships for the subject, since he enters at a very young age and spends a good part of his life, being necessarily exposed to the incidence of conflicts of all kinds, whether at the level of small disagreements or even different manifestations of violence that sometimes unbalance the school environment and interfere, in a negative way, in the teaching and learning process. The objectives of this research were, therefore, to discover if there are substantial differences in the incidence of conflicts between boys and girls, to recognize which spaces of the school are more susceptible to the occurrence of conflicts, and to verify the frequency of the involvement of the same students in conflicts in the space school. It is a qualitative basic research, having its data collected by documentary analysis of records that occurred between students and between students and teachers, in one of the full-time schools in the city of Palmas, TO. It is observed that the conflicts that involve students are more related to noncompliance with school rules and to the disturbance of the class environment, than to aggressions among students; and yet, issues of conflict at school do not generally involve the majority of students, but rather a small minority, apparently excluded from the educational process.

Keywords: Incidence of conflicts. Conflict mediation. Indiscipline at school.

*Pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC), financiada pela Universidade Estadual do Tocantins.

Introdução

A escola é o espaço formal de aprendizagem e o principal ambiente que promove a convivência dos sujeitos desde a primeira infância sendo, portanto, um lugar de aprender a relacionar-se com o outro e a lidar com as normas de convivência, organizadas por instituições que não mais a família. Em meio aos espaços de convivência é comum a emergência de conflitos, que ocorrem devido à diversidade cultural e os diferentes modos de agir e pensar dos membros do grupo, logo, percebe-se que a relação entre os sujeitos é permeada de diversos conflitos que surgem da própria natureza humana, possibilitando excelentes oportunidades de mudança e amadurecimento pessoal e social. Nesse sentido, a escola se apresenta como importante espaço de relações para o sujeito, uma vez que nela ele ingressa ainda bem pequeno e passa boa parte de sua vida, imerso nesse ambiente, estando, necessariamente, exposto à incidência de conflitos de toda sorte, seja em nível de pequenos desentendimentos até diferentes manifestações de violências.

Os inúmeros conflitos e as diferentes formas de violências nas escolas se apresentam como um dos obstáculos ao projeto educativo desenvolvido nas instituições escolares, uma vez que tornam o ambiente escolar desagradável tanto para os alunos/as quanto para os/as profissionais da educação, o que consiste um dos principais desafios enfrentados pelo sistema educacional atualmente.

A questão, portanto, a ser pensada é a forma como a instituição escolar trata a incidência de conflitos que surgem em seus espaços e a forma como os alunos aprendem a lidar com esses conflitos. Para aprender a lidar com esses conflitos, portanto, é necessário, primeiramente, que a escola os reconheça, uma vez que só se pode agir, sobre aquilo que se conhece. Para compreender essa incidência, pois, é necessário investigar: como surgem, onde surgem, quem são seus protagonistas e coadjuvantes?

Charlot (2002) afirma que, do ponto de vista histórico, o problema da violência escolar não é recente, mas traz elementos novos relacionados às formas pelas quais essa violência se manifesta, o surgimento crescente de formas de violência mais graves, a idade cada vez menor dos alunos envolvidos nos casos de violência, a repetição e o acúmulo de pequenos casos que não se configuram como violentos, mas que criam a sensação de ameaça permanente.

Conforme Chrispino (2002), o conflito pode ser compreendido como “toda opinião divergente ou maneira diferente de ver ou interpretar algum acontecimento”. Sendo assim, configura-se como algo inevitável e ao contrário do que, comumente, se estabelece, seus motivos não devem ser suprimidos ou sufocados. Ao contrário, necessitam ser olhados, analisados por diversos pontos de vista, o que colabora para a construção de práticas de tolerância, proporcionando a definição de identidades, o reconhecimento do outro e o reconhecimento das diferenças, construções fundamentais para a regulação das relações e o amadurecimento social.

Segundo Pingoello e Horiguela (2012) a escola pode ser percebida como o “palco da geração de conflitos e demonstração de atitudes violentas entre os alunos”, com destaque para o bullying que é caracterizado como uma variedade de comportamentos de maus-tratos adotados por um ou mais indivíduos em relação ao outro, podendo ser de caráter físico ou psicológico, pois a prática do bullying vem afetando o aprendizado dos alunos vitimados por ele, desencadeando vários fatores, tais como isolamento, agressividade, dificuldade em aprender e apreender o conteúdo, dentre outros.

Prodócimo et al (2010) afirmam que “é comum encontrar pessoas que digam que os meninos são mais agressivos que as meninas”, mas o que vemos nos tempos atuais é o desenvolvimento de agressões por ambos, embora de forma diferente, em que os meninos são mais diretos, agredem sem arquitetar a ação e as meninas indiretamente, por meio da armação fazendo com que a vítima se sinta excluída.

Para Comin (2010) a agressão física e verbal, indisciplina dos alunos para com os colegas, tem ligação como os “problemas afetivos e de condutas extra-escolares”, essas ações conflituosas se manifestam na escola e mais frequentemente na sala de aula, quando o aluno não faz tarefa, furta o objeto do colega, agride verbalmente e fisicamente o outro, dentre outras.

Para Vinha (2000, p.152) “o conflito está sempre presente, o que obriga o educador a trabalhar, a cada momento, com todas as turbulências do dia a dia, localizando as formas através das quais elas se compõem em relação aos limites e as coerções da instituição”. Ainda sobre a

conceituação de conflito, Chrispino e Santos (2011, p.65) esclarecem:

Se a teoria sobre a mediação ilumina, a prática a consagra, podemos dizer que a parte mais teórica se refere à definição, ao surgimento ao desenvolvimento do conflito. Este ponto deve ser estudado como fenômeno inerente à vida humana, que pode redundar em resultados positivos ou negativos, de acordo com a maneira como é conduzido. Os aspectos práticos dizem respeito mais à capacidade de dominar técnicas que auxiliem a entender quando uma situação de conflito se instala e que alternativa de negociação ou mediação é possível.

Nossa pesquisa de PIBIC realizada anteriormente, consistiu num levantamento bibliográfico acerca das publicações dos últimos três anos, de revistas eletrônicas que trataram o tema da mediação dos conflitos escolares. Continuando, portanto, investigando a temática dos conflitos escolares, buscamos aprender a tratar e analisar os dados que foram coletados nos registros do SOE (Serviço de Orientação Educacional) de uma escola municipal de tempo integral do município de Palmas, TO, durante o projeto “Toda hora é hora de escola – comparando a incidência de conflitos na escola de tempo integral”. A outra parte de investigação dessa pesquisa tratou de lidar com os dados qualitativos que possibilitaram reconhecer a natureza dos conflitos escolares, e nessa pesquisa de PIBIC, nos debruçamos sobre os dados quantificáveis de frequência, incidência e reincidência dos conflitos. Durante essa pesquisa, buscamos então reconhecer, no ambiente escolar, a frequência de incidência de conflitos entre meninos e meninas; a identificação dos espaços escolares mais suscetíveis à ocorrência de conflitos, bem como a reincidência do envolvimento dos mesmos alunos/as em conflitos no espaço escolar.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa básica qualitativa, apesar de apresentar também dados quantificáveis, no que se refere à maior ou menor incidência de conflitos. No que se refere aos procedimentos metodológicos, trata-se de uma pesquisa documental, fundamentada em dados primários coletados nos registros do SOE (Serviço de Orientação Educacional) de uma escola municipal de tempo integral do município de Palmas, TO, referentes aos conflitos ocorridos entre os alunos/as e entre alunos/as e professores/as. A parte dos dados aqui analisados refere-se aos espaços escolares suscetíveis à ocorrência de conflitos, os meses do ano em que ocorrem com maior ou menor frequência, a recorrência de envolvimento dos mesmos alunos/as em conflitos no espaço escolar; a frequência de conflitos entre meninos x meninos, meninas x meninas, meninos x meninas, aluno/a x professor/a.

Como método de análise de dados optou-se pela análise de conteúdo, por sua proximidade com a pesquisa de natureza qualitativa, que consiste num conjunto de técnicas de análise das comunicações, no caso, aquelas encontradas nos registros do SOE, visando, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo desses registros, obter indicadores qualitativos e quantitativos, que permitam a inferência de conhecimentos relativos aos registros dessas ocorrências.

Após análise documental, os dados foram organizados em tabelas e gráficos para fazer a comparação do gênero x frequência, os meses de maior incidência de conflitos, locais de ocorrência, envolvimento entre pares e não pares, e número de vezes em que o mesmo aluno ou aluna se envolveu em conflitos durante o ano.

Os dados coletados por meio de análise documental foram organizados em tabelas, distribuídas em quatro categorias, a saber: 1. Frequência envolvendo meninos e meninas; 2. Meses de frequência; 3. Espaços de incidência; 4. Incidência entre pares e não pares; 5. Recorrência do envolvimento em conflitos.

Resultados e Discussão

A seguir, descrevemos os resultados das análises realizadas com base nos dados coletados distribuídos, conforme mencionado anteriormente, em cinco categorias compostas a partir de seus indicadores.

Gráfico 01 - Frequência de conflitos envolvendo meninos e meninas



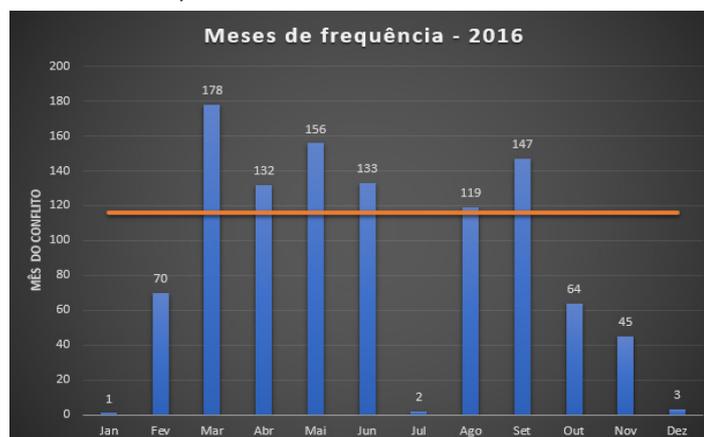
Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Durante os meses de fevereiro a novembro, foram encontrados ao todo no SOE, 1.050 registros de conflitos na escola. Nesta categoria buscou-se comparar a frequência desses conflitos envolvendo meninos e meninas, portanto deste total foram registrados 223 conflitos envolvendo meninas e 827 conflitos envolvendo meninos, indicando primeiramente que a quantidade de meninos que se envolvem em conflitos é mais que o triplo, se comparado com as meninas.

Prodócimo et al (2011) esclarece que os meninos representam a força masculina e a sociedade cobra deles um posicionamento de líder, dominador, pois são mais diretos ao praticarem agressões físicas e verbais, enaltecendo assim sua postura viril, não podendo demonstrar fraqueza diante do seu oprimido, pois ao agredirem, os meninos expressam a relação de poder no ambiente escolar perante os demais colegas, sejam meninos, meninas ou professoras e professores.

Embora a prática da violência escolar não seja uma ação realizada apenas pelos meninos e sim pelos membros da escola, uma vez que as meninas também agredem, mas de uma forma diferente, voltada mais para armações, difamações, dentre outras, do que agressões diretas, e com menor grau de incidência.

Gráfico 2 - Meses de frequência dos conflitos

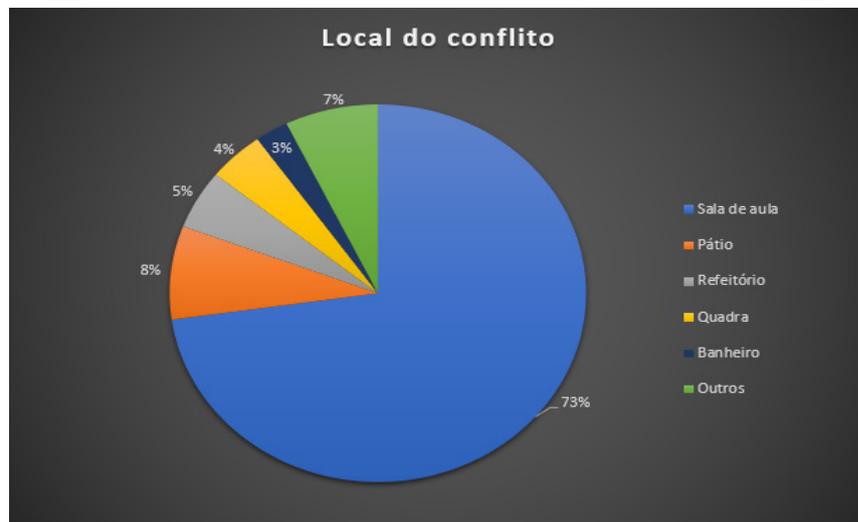


Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Nesta categoria analisamos os meses de ocorrência com maior ou menor incidência de conflitos, desconsiderando-se os meses de julho, dezembro e janeiro, que envolvem parte de férias e recessos escolares. Podemos observar que nos meses de março, abril, maio, junho, agosto e setembro os conflitos gerados pelos alunos (as) estão acima da média, com destaque maior para o mês de março que apresentou um número de 178 conflitos. Foi realizada busca por produções científicas que apresentassem uma justificativa do aumento da ocorrência de conflitos escolares no mês de março, porém, sem êxito, não se chegando a uma conclusão.

Nossa hipótese é a de que o mês de março é um mês de adaptação, uma vez que o mês de fevereiro registra muitas faltas de alunos que ainda não voltaram das férias, ou que emendaram com o feriado de Carnaval. O ano letivo pode-se dizer, começa em março. Geralmente ocorre que as turmas são “misturadas” a cada ano e os alunos têm a tarefa de reconhecer e se adaptar aos novos colegas e professoras, talvez por isso, haja maior incidência de conflitos nessa época. Outra questão que talvez mereça atenção sobre a incidência de conflitos seja o clima quente da cidade de Palmas. Observa-se que nos meses de clima mais fresco, em épocas de chuva, o índice de conflitos é, visivelmente, menor que nos meses mais secos e quentes, de abril a setembro.

Gráfico 3 – Local de ocorrência de conflitos



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Na categoria 3 tratamos do local de ocorrência dos conflitos, uma vez que os dados registraram ocorrência de conflitos em todos os espaços da escola. Foram registrados conflitos em locais como sala de aula, pátio, refeitório, quadra, banheiro e outros. No indicador “Outros”, consideramos as proximidades dos portões da escola, os horários de entrada e saída dos alunos, os corredores, a biblioteca e demais espaços frequentados pelos alunos durante as aulas.

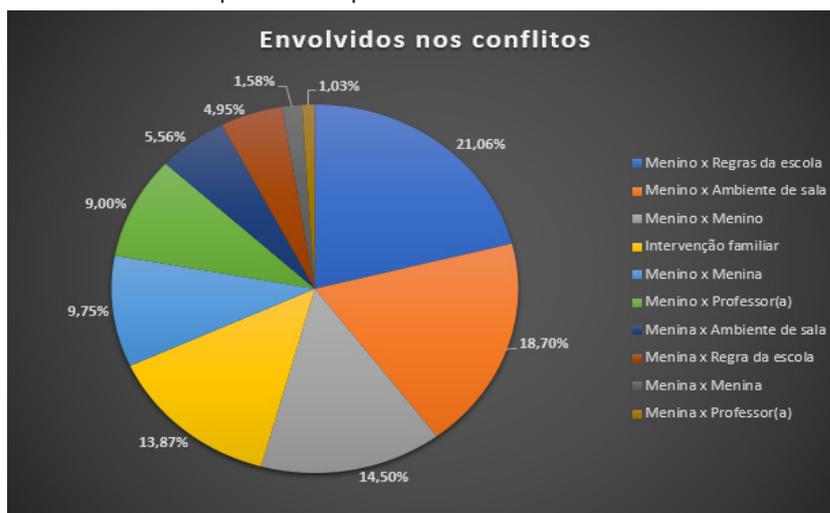
Observa-se que a incidência dos conflitos é maior dentro da sala de aula (73%), o que pode ser explicado, simplesmente, pelo fato de ser o espaço onde os alunos passam a maior parte do tempo quando estão na escola.

Aqui, entretanto, algumas questões podem também ser levantadas. Outras análises desse estudo, voltadas para compreender a natureza dos conflitos que ocorrem no interior da escola, revelam certa correlação da incidência de conflitos, dentre outros fatores, com as dificuldades de aprendizagem dos alunos. Assim, podemos levantar algumas hipóteses: a primeira, que nos aponta que parte dos alunos que desencadeiam situações de conflito, pode estar desinteressada pelas aulas, não apenas porque a aula não lhes agrada ou não desperta sua motivação, mas talvez porque não a compreendam e não a acompanhem e, portanto, por esse motivo a professora não consiga prender a sua atenção.

Nossa segunda hipótese é a de que o ambiente circunscrito da sala de aula promove a exposição das dificuldades desses alunos, mais fortemente do que os outros espaços da escola.

Ou seja, os demais espaços da escola possibilitam aos alunos demonstrarem algumas das suas potencialidades, como a desenvoltura em práticas de atividades físicas, o destaque em determinadas brincadeiras, a empatia e a capacidade de ser agradável na relação com outros alunos e funcionários da escola, a possibilidade de socializar com o grupo algo que ele tenha trazido de casa, como objetos interessantes, brinquedos ou alimentos, enfim, espaços que possibilitam a ele tirar os holofotes de sobre as suas dificuldades pedagógicas, que o deixam exposto ao grupo de forma negativa, colocando-os para iluminar os seus aspectos que são apoiados e valorizados pelo grupo.

Gráfico 4 - Incidência entre pares e não pares



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

No gráfico 4 tratamos da categoria que relaciona a incidência de conflitos entre pares e não pares, ou seja, conflitos que vão além daqueles que ocorrem entre os alunos. Para possibilitar a análise, esta categoria foi dividida em dez indicadores, a saber: 1. menino x menino; 2. menina x menina; 3. menino x menina; 4. menino x professor(a); 5. menina x professor(a); 6. menino x ambiente da sala – relacionados a conflitos que não se dão entre alunos, especificamente, mas que tumultuam e perturbam o ambiente de sala de aula; 7. menina x ambiente da sala – idem, envolvendo as alunas; 8. menino x regras da escola – relacionados a conflitos decorrentes do enfrentamento ou desrespeito em relação às regras da escola; 9. menina x regras da escola – idem, envolvendo as alunas; 10. intervenções familiares – relacionados a conflitos relacionados à escola, mas que são trazidos ao SOE pelos pais ou responsáveis, com base em relatos e queixas dos alunos e alunas, e na observação dos pais em relação ao desempenho e ao bem ou mal estar dos alunos e alunas na escola; ou ainda, situações em que os pais ou responsáveis são chamados pelo SOE para tratarem de assuntos referentes aos alunos e alunas.

Conforme se pode observar no gráfico 4, portanto, os conflitos entre meninos somam 14,50%, já os conflitos entre meninas, numa média muito abaixo disso, somam 1,58%; entre meninos e meninas os conflitos somam 9,75%. Os conflitos relacionados a meninos que descumprem as regras da escola somam 21,06%, já entre as meninas esse índice é 4,95%. Os conflitos relacionados a meninos que perturbam o ambiente da sala de aula somam 18,70%, entre as meninas o índice é de 5,56%. Os conflitos entre meninos e professores/as somam 9%, entre as meninas esse índice é bem mais baixo, com 1,03%.

No item “Intervenção familiar” foram relacionados 13,87% de conflitos que envolvem a intervenção de familiares, ou porque tenham sido chamados pelo SOE para tomarem ciência e auxiliarem a escola na resolução dos conflitos que envolvem seus filhos, ou porque tenham procurado o SOE para fazerem reclamações ou receberem orientações.

Podemos, portanto, observar que os casos de conflitos que envolvem os alunos, dizem respeito, primeiramente, à desobediência e enfrentamento das regras delimitadas pela escola (21,06%); em segundo lugar, ao ambiente da sala de aula (18,7%); ficando em terceiro lugar os

conflitos que ocorrem entre os meninos (14,5%), que envolvem agressões físicas, verbais, e de outra natureza.

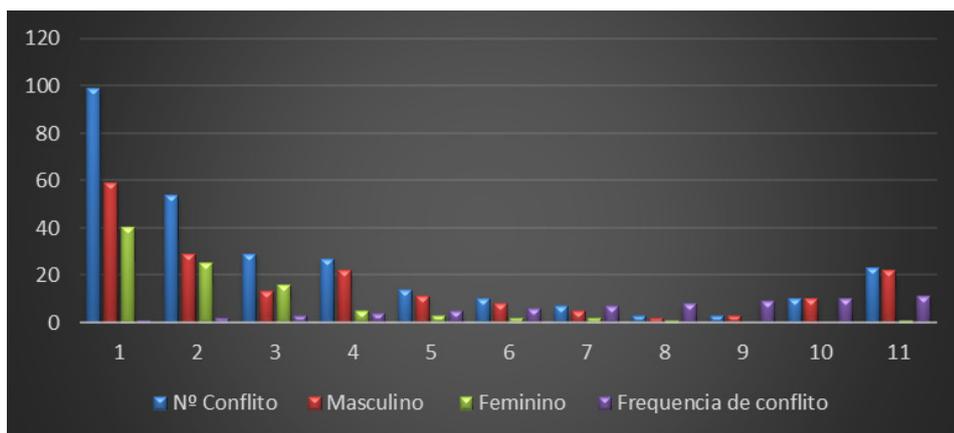
Essa constatação nos faz pensar sobre a importância dos projetos de Gestão Escolar Democrática que promove, entre outras ações, a construção das regras de convivência em conjunto com a comunidade escolar, onde todos pensam juntos, a real necessidade dessas regras, e a forma como podem ser organizadas para garantir direitos e deveres de todos.

E ainda, as formas de gestão democrática nas salas de aula, onde os alunos são também incentivados a pensar sobre a forma de organização do espaço da sala de aula, de forma a contribuir para a formação de um ambiente agradável, democrático e favorável aos processos efetivos de ensino e aprendizagem.

Além disso, segundo Montino (2018), muitas vezes os problemas ligados à indisciplina na sala de aula, estão ligados às dificuldades de aprendizagem de alguns alunos.

Conflitos relacionados a não obedecer, conversar muito, atrapalhar a aula, não trazer material e não fazer atividades, nem sempre, mas via de regra, estão relacionados a casos de dificuldades de aprendizagem dos alunos e ao modelo vigente de escola que trabalha muito mais com a reprodução do que com a produção do conhecimento. As dificuldades de aprendizagem estão necessariamente relacionadas, na sua maioria, a problemas no processo de alfabetização dos alunos, fruto de práticas pedagógicas ultrapassadas que não alcançam a dificuldade dos alunos e, portanto, não consegue fazê-los avançar no seu processo de conhecimento da língua escrita. E ainda, tarefas do tipo: copiar, responder, memorizar são monótonas, maçantes e direcionadas à passividade dos sujeitos, que nem sempre se submetem a ela. (MONTINO, 2018, p.25)

Gráfico 5 - Recorrência do envolvimento em conflitos



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

O gráfico 5 mostra a recorrência do envolvimento dos alunos e alunas em conflitos na escola, somando um total de 277 alunos envolvidos em conflitos no decorrer do ano letivo, sendo 184 meninos e 93 meninas. Abaixo apresentamos também o registro da tabela 1 para facilitar a compreensão dos números.

Tabela 01 – Recorrência do envolvimento em conflitos

No. de alunos	Meninos	Meninas	Incidência e reincidência
99	59	40	1
54	29	25	2
29	13	16	3
27	22	5	4
14	11	3	5
10	8	2	6
7	5	2	7
3	2	1	8
3	3	0	9
10	10	0	10
23	22	1	11

Fonte: Dados da pesquisa (2019)

É interessante observar que não houve, na grande maioria dos casos, reincidência no envolvimento em conflitos ao longo do ano, por parte dos mesmos alunos e alunas. Nota-se, portanto, que foram conflitos ocasionados de forma pontual, e que dos 277 alunos envolvidos, 99 deles esteve envolvido em conflitos apenas uma vez no ano.

Em segundo lugar, fica também um número considerável de alunos e alunas (54), que tiveram apenas uma reincidência, ou seja, estiveram envolvidos em conflitos, duas vezes ao longo do ano.

Acompanhando ainda a tabela, observamos que na maior parte dos casos de incidência de conflitos, a reincidência não ultrapassa quatro vezes ao ano. Ou seja, praticamente um conflito por bimestre escolar.

O que podemos concluir, portanto, ao observar os registros no final da tabela, é que os conflitos que ocorrem na escola e que tumultuam a ordem e o ambiente, envolvem uma pequena parcela de alunos (aqui no caso, 33), que são reincidentes. Segundo Montino (2018, p.26), essa reincidência ocorre justamente porque os conflitos quando são tratados, não o são de forma adequada.

É comum se observar nas escolas que as intervenções dos adultos são feitas na forma de comandos e ameaças: “Não faça mais isso”, “Não fale assim com ela”, “Vou ligar para a sua mãe”, “Peça desculpas e dê um abraço no amigo”. Se essas intervenções fossem eficientes, os casos de conflitos relacionados a essas questões não seriam tão recorrentes. Não é eficiente “dar lições de moral no aluno”, porque ele precisa pensar, verbalizar e refletir sobre o que ele fez, e fazer o exercício de se colocar no lugar do outro. E aquele que foi agredido também precisa pensar e falar sobre os seus sentimentos e pensamentos. Precisa ser orientado a não tolerar essas agressões, mas a denunciá-las, se fortalecendo e se empoderando como sujeito de direitos. Por isso a prática de mediação de conflitos é tão imprescindível no ambiente escolar.

Sendo assim, as questões de conflitos na escola não envolvem a maioria dos alunos e sim, uma pequena minoria. Nesse caso, entendemos que, além de promover um espaço democrático no ambiente escolar, há que se olhar para as questões relacionadas a esses alunos, que na maioria das vezes, “estão à margem do processo escolar”, como nos alerta Barbosa (1992). São, muitas vezes, alunos com dificuldades de aprendizagem, que frequentam a escola há muito tempo e ainda mal conseguem ler e escrever; são também, em alguns casos, alunos vítimas de bullying de diversas formas; ou ainda, alunos que enfrentam problemas familiares de toda sorte e que têm na escola,

seu único refúgio. Para todas essas questões há que se estar atento.

Considerações Finais

Esta pesquisa teve por objetivo apresentar os resultados de um estudo de caso realizado em uma das escolas municipais de tempo integral do município de Palmas, TO, visando à natureza e a frequência da incidência de conflitos produzidos no ambiente escolar, tendo como intenção a continuidade dos estudos sobre a ocorrência de conflitos ocorridos no recinto educacional para mostrar que esse problema existe, está presente e cada vez mais arraigado na comunidade escolar, com o intuito de despertar a curiosidade dos profissionais que atuam diretamente ou não na área da educação, cientistas, acadêmicos e estudantes em geral.

A realização deste trabalho contou com algumas dificuldades em buscar respaldo científico com abrangência geral da situação de conflitos na escola para correlacionar com a análise dos dados primários encontrados nos registros do SOE (Serviço de orientação Educacional), referentes aos espaços escolares com vulnerabilidade à ocorrência de conflitos, os meses do ano com maior ou menor frequência, o envolvimento dos mesmos alunos/as; a natureza e a frequência da incidência de conflitos entre meninos e meninas.

A escola é um espaço, com uma grande diversidade cultural dos membros que compõem a comunidade escolar, não justifica o aumento e nem vai ser o único fator responsável pelo desenvolvimento dos conflitos, mas contribui para a reprodução da violência que se produz nos entornos da escola, quando esses conflitos não são mediados e tratados. Portanto, percebe-se a necessidade de mais pesquisas que procurem aprofundar a ocorrência dos conflitos nos espaços escolares, a forma como esses conflitos têm sido tratados pelos professores e demais profissionais da educação e, principalmente, o nível de formação inicial e continuada que tem sido oferecido aos educadores de alunos de todas as idades, a fim de ampliar seu olhar sobre a ocorrência dos conflitos, que podem, se não tratados se transformarem em diversas formas de violência.

Referências

CHARLOT, Bernard. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão.** Sociólogos, Porto Alegre, ano 4, nº 8, 2002.

CHRISPINO, A. **Mediação de conflitos: cabe à escola tornar-se competente para promover transformações.** Revista do Professor, Porto Alegre, ano 20, n. 79, p. 45-48, jul./set. 2002.

CHRISPINO, Alvaro; SANTOS, Tais Conceição dos. Política de ensino para a prevenção da violência: Técnicas de ensino que podem contribuir para a diminuição da violência escolar. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, [S.l.], v. 19, n. 70, p. 57-80, jan. 2011. ISSN 1809-4465. Disponível em: <https://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/ensaio/article/view/470>. Acesso em: 2 jun. 2020.

COMIN, Márcia Terezinha Sacon. **Problemas Afetivos e de Condutas em Sala de Aula.** Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai-IDEAU, 2010. Disponível em: https://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/206_1.pdf. Acesso em: 2 jun. 2020.

MONTINO, Mariany Almeida. **Natureza e frequência de conflitos nos contextos escolares.** Revista Humanidades e Inovação v.5, n. 4 – 2018.

PINGOELLO, Ivone; Horiguela, Maria de L. Morales. **Bullying na Sala de Aula.** Revista Eletrônica do CEAF, Porto Alegre-RS. Ministério Público do Estado do RS. Vol 1. N.1 out. 2011/jan.2012. Disponível em: https://bdjur.stj.jus.br/jspui/bitstream/2011/35688/bullying_sala_aula_pingoello.pdf. Acesso em: 2 jun. 2020.

PRODOCÍMO, Elaine; SILVA, Roseane Gonçalves Coelho; MIGUEL, Rebeca Signorelli; RECCO, Kethylin Viotto. **Meninas Também Agridem? Estudo Sobre Agressão Escolares**, 2011. Faculdade de Educação Física- FEF-UNICAMP- Grupo de Estudos sobre Agressividade- GEPA.

Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2011/05/Artigo-03-15.1.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2020.

VINHA, Telma Pileggi. **O educador e a moralidade infantil**: uma visão construtivista. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2000.

Recebido em 23 de novembro de 2020.

Aceito em 22 de fevereiro de 2021.